



A BOLSA AMARELA: CENSURA LITERÁRIA E FLUIDEZ DO SIGNO LINGUÍSTICO



A BOLSA AMARELA: LITERARY CENSORSHIP AND THE LINGUISTIC SIGN FLUIDITY

LEONARDO VINÍCIUS SFORDI DA SILVA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 20/03/2021 • APROVADO EM 14/06/2021

Abstract

With the validity of the structuralist literary analysis method and ideology being questioned, post-structuralism gains strength in literature as a means of the sign's rigidity deconstructing, binary opposition and the fallacy of the only one possibility of interpreting the literary text. That said, this article, of a qualitative and exploratory nature, intends to analyze, based on the post-structuralist method - focusing on the readings by Eagleton (1996) and Belsey (1982) -, the linguistic sign universality deconstruction in the characters of the children's book **A Bolsa Amarela** (1976) by Lygia Bojunga, as well as using this theory to contradict the recent censorship, based on the sign rigidity, that this book suffered at school.

Resumo

Com o questionamento da validade do método e ideologia de análise literária estruturalista, o pós-estruturalismo ganha força na literatura como meio de desconstrução da rigidez do signo linguístico, da oposição binária e da falácia da única possibilidade de interpretação do texto literário. Isso posto, este artigo, de cunho qualitativo e exploratório, pretende analisar, pautado no método pós-estruturalista — com enfoque nas leituras de Eagleton (1996) e Belsey (1982), a desconstrução da universalidade do signo linguístico nas

personagens da obra infantil **A bolsa Amarela** (1976) de Lygia Bojunga, bem como utilizar-se dessa teoria para desvalidar a recente censura, pautada na rigidez do signo, que essa obra sofreu no âmbito escolar.

Entradas para indexação

KEYWORDS: *A bolsa Amarela*. Post-structuralism. Censorship. Literature.

PALAVRAS-CHAVE: *A bolsa Amarela*. Pós-estruturalismo. Censura. Literatura.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

O estudo acadêmico da Literatura e as dinâmicas de seu processo de entendimento passaram por transformações significativas ao longo dos séculos, alterando valores e conceitos relevantes direcionados ao entendimento da obra literária, a crítica literária e os papéis triádicos de Autor-Obra- Recepção.

O estruturalismo, com auge no século XX, teve o intuito de findar o estudo não científico e impressionista da crítica literária. Para incluir a literatura como ciência, foi pensado um método racional e exato - semelhante à das outras ciências naturais e matemáticas - um entendimento metódico do texto literário, vinculando a preceitos universais. Em contraponto, posteriormente, como forma de ruptura dos ideais estruturalistas, os postulados da vertente pós-estruturalista entravam em voga e questionavam os ideais anteriores ao defender uma literatura: com significação instável, metafórica, ambígua e que constitui um jogo aberto de significações.

Desse modo, este estudo parte também do pressuposto de que o sentido da palavra não está isolado em si, nem que o sentido do texto (com enfoque ao literário) esteja presente somente no campo determinado pelo autor ou pela obra sem os referenciais externos, como a postulava a vertente estruturalista; mas é, entretanto, um produto de diversas construções culturais, de identidade, sociais e políticas.

O corpus de análise deste artigo é o livro infantil **A bolsa amarela**, lançado em 1976, de Lygia Bojunga, um dos mais premiados e populares livros infanto-juvenis brasileiros. A obra narra a história de Raquel, protagonista que se sente solitária e incompreendida por não se encaixar nos padrões impostos a ela e, assim, reprime sua subjetividade e a guarda na bolsa amarela junto a outros personagens que enfrentam o mesmo problema.

O caso que será posteriormente debatido ocorreu, em agosto de 2019, em São Paulo – SP, em que o livro **A bolsa Amarela** foi acusado por um político local, vereador do interior de SP, de fazer incitação à rebeldia, à luta dos gêneros e à “ideologia de gênero” que, segundo seu discurso, está permeando a sala de aula atualmente.

Diante desses apontamentos, este artigo será desenvolvido, além da discussão e revisão do embasamento teórico, em dois momentos: o primeiro visa fazer uma análise literária da obra **A bolsa amarela**, elucidando como a fluidez do signo é essencial para o entendimento das personagens e de que modo a

universalidade de significados fornece margem à tirania; o segundo momento tem o intuito de discutir a pertinência da obra em sala, mesmo com os comentários pró-censura lançados sobre o livro, e apontar como o cerceamento literário é desconstruído a partir da vertente pós-estruturalista.

2. REVISÃO TEÓRICA: A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

A principal quebra que o pós-estruturalismo pode contribuir é com a problematização dos aspectos relacionados ao signo linguísticos proposto por Saussure, o qual embasou o pensamento dos estruturalistas. Para estes, o signo estava intrinsecamente ligado ao teor rígido de significação, era sempre marcado pela diferença negativa e objetiva com o outro. Assim, com a mudança de perspectiva (pós-estruturalista), o signo perde sua característica sacra e intocável e passa a ser visto como inexato e instável: “O significante não nos revela o significado diretamente, como um espelho reproduz uma imagem; na língua, não há uma série harmoniosa de correspondências diretas entre o nível dos significantes e dos significados” (EAGLTON, 1997, p. 192).

Dessa forma, conforme Eagleton, a significação não está fixada instantaneamente no signo linguístico, mas está sempre suspensa no ato da leitura e seu processo é caracterizado como uma construção, uma vez que cada signo está imerso em uma cadeia de elementos que não estão fechados, “nenhum signo jamais é ‘puro’ ou de significação completa” (EAGLETON, 1997, p.193). A linguagem, agora, é vista com seu caráter instável, contrapondo a objetividade e as definições positivas apresentadas pela vertente estruturalista, não há possibilidade de compreensão totalmente presente no signo, pois:

A significação nunca é idêntica a si mesma é que os signos devem ser sempre reiteráveis ou reproduzíveis [...] a possibilidade de reprodução é, portanto, parte da identidade do signo, mas também é aquilo que marca a sua identidade, porque sempre pode ser repetida em um contexto diferente, que modifica a sua significação (EAGLETON, 1997, p. 194).

Sumarizando, este primeiro pressuposto significa que o sentido do signo e a interpretação da obra não estão presentes intrinsecamente no próprio material literário, tampouco é o crítico literário, o autor ou determinado leitor que detêm a verdade sobre o que o signo ou o que a obra intenciona passar; ao contrário, a obra apresenta uma liquidez em relação a sua significação, sendo um local de múltiplos sentidos e fragmentos.

Jacques Derrida foi um dos principais expoentes dessa nova concepção e interpretação do material literário, o teórico foi relevante para fazer a desconstrução da negatividade e das oposições binárias dos signos linguísticos, pois, conforme o autor, essa perspectiva tende a traçar tendências rígidas do que é aceitável e do que não é, entre o eu e o não-eu. Para o autor, essa forma de encarar

o signo é próprio das ideologias dominantes e embaçam a própria lógica construtiva do texto.

A desconstrução do texto para Derrida diverge da teoria estruturalista, a qual pretendia apresentar coesão, princípios e categorizações gerais para o desenvolvimento do texto literário, pois a linguagem sempre ameaça extrapolar o sentido:

Toda linguagem, para Derrida, encerra esse “excedente” em relação ao significado exato, está sempre ameaçando ultrapassar e escapar do sentido que tenta limitá-la. É no discurso “literário” que isto se torna mais evidente, embora ocorra também em todos os outros tipos de escrita: a desconstrução rejeita a oposição ‘literário e não literário’, assim como rejeita qualquer distinção absoluta (EAGLETON, 1997, p. 202).

Roland Barthes é outro teórico que, apesar de ainda estar vinculado a diversos elementos da ótica estruturalista, traz diversos conceitos-chave que questionam os pressupostos basilares. O principal ponto em divergência é justamente a não naturalização do signo linguístico, pois, durante o processo de leitura e comunicação, ele pode transmitir mais que sua camada superficial revela e continua:

O signo que se pretende natural, que se oferece como única maneira concebível de ver o mundo é por isso mesmo ideológico e autoritário. Uma das funções da ideologia é naturalizar a realidade social, fazer com que ela pareça tão inocente e imutável quanto sua própria natureza. A ideologia pretende transformar a cultura em Natureza, e o signo natural é uma de suas armas (EAGLETON, 1997, p. 203).

Conforme pontua Eagleton (1997), a naturalidade do signo é uma das maneiras da sociedade manter seu status quo, já que a palavra previamente definida é a única maneira de representação e de expressão de pensamento adequada à sociedade. A principal consequência do entendimento do signo como um reflexo puro de significação é a negação do teor produtivo da língua, relegando-o a apenas uma possibilidade de real.

Para essa vertente, o texto é visto como um processo aberto, a linguagem literária já não é tratada com rigidez, cientificidade e naturalização do signo; justamente ao contrário, a ambiguidade e o teor se tornam pressupostos elementares da obra literária. A partir daí, conforme Barthes, a morte do autor é decretada, pois ele não tem mais o domínio sobre a significação do signo que se torna líquida, “é a linguagem que fala na literatura em toda a sua complexa pluralidade polissêmica e não o autor” (EAGLETON, 1997, p. 208).

Sintetizando, o texto literário para a vertente pós-estruturalista é visto como um emaranhado complexo, difuso, que sua significação não é intrínseca ao signo linguístico e não pode ser determinada diretamente por uma pessoa específica. Dessa forma, o texto literário é o principal exemplo disso, com sua linguagem metafórica e ambígua, pois:

O leitor se vê suspenso entre um significado literal e outro figurativo, incapaz de escolher entre os dois e, portanto, lançado a um abismo linguístico sem fundo que tornou o texto ilegível [...] as obras literárias são menos enganosas do que outras formas de discurso, porque implicitamente reconhecem sua própria condição retórica (EAGLETON, 1997, p. 218).

3. A RUPTURA COM A RIGIDEZ DO SIGNO LINGUÍSTICO EM *A BOLSA AMARELA*

O livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, publicado em 1976, narra a relação da protagonista Raquel em sua vida cotidiana, abarcando desde a conturbada relação familiar até, no nível mais subjetivo, a constituição de sua Psique. Está ilustrada pela bolsa amarela e pela participação de personagens externos que mostram seus desejos íntimos em uma constante batalha entre o externo versus o interno.

A proposta do enredo apresenta uma ruptura relacionada ao esperado do comportamento de uma criança, indo além do que o significado que este signo linguístico comporta, uma vez que o esperado do comportamento infantil é uma criança: despreziosa com a vida, egocêntrica, que não apresenta maturidade e com seu raciocínio lógico ainda aquém do adulto.

Raquel, então, apresenta-se de uma maneira a quebrar a rigidez do signo, uma vez que sua caracterização extrapola e torna líquida toda a tentativa de torná-la segmentada. Justamente por conta disso, Raquel sofrerá repressões de diversas maneiras em sua família, fazendo com que a protagonista reprima e esconda seus desejos para tentar se encaixar na rigidez e no postulado pelo signo linguístico criança e menina.

Raquel, então, há de reprimir seus desejos que divergem do esperado por sua identidade, para não gerar mais conflitos com sua família e a sociedade – de maneira ampla. Assim, ela nomeia as três principais vontades que contrariam sua característica signifiante, a protagonista as nomeia como vontades gordas, sendo elas: (I) A vontade de crescer e deixar de ser criança, (II) A vontade de ter nascido garoto e (III) A vontade de escrever.

A primeira vontade de Raquel que diverge do modelo simbólico esperado é a de chegar à vida adulta, esta é motivada pelo conflito familiar o qual se transfigura pelo reflexo da dinâmica das imposições coletivas e a tentativa de homogeneizar o signo criança, marcada pela puerilidade, inocência e submissão. No decorrer da obra, é visto que a personagem em questão não responde às rigidezes de sua classificação; ao contrário: deseja ter liberdade e opção de escolhas sobre suas ações e não ser tratada de forma inferiorizada, como em:

Eu ia respondendo e pensando: será que eles acham que falando comigo do jeito que eles falam um com outro eu não vou entender? Por que será que eles botam inho em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem? - Raquel, conta para o tio Júlio e a tia Brunilda aquele versinho inglês que você aprendeu na escola. É tão bonitinho. [...] Eu fiquei com vontade de tudo menos de cantar. Fiquei tirando a casca de um amendoim pra ver se eles batiam papo e esqueciam de mim. Mas não esqueceram. Então eu cantei. (BOJUNGA, 2012, p. 70)

A segunda vontade gorda que diverge da aparente universalidade de seu signo é relativa ao desejo de ser garoto. A vontade de ser garoto advém justamente como resposta do não enquadramento no signo menina que a rigidez classificatória não abre espaço para a protagonista realizar determinadas atividades e brincadeiras, por serem ações que são historicamente e ideologicamente vinculadas à ideologia estrutural do signo menino.

Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe para as brincadeiras, ele é sempre garoto. Que nem chefe de família: é sempre o Homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa para homem [...] A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas para gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 2012, p. 17).

A última vontade da protagonista é alusiva ao desejo de ser escritora, essa vontade reflete as duas anteriores, uma vez que a escrita é historicamente considerada um trabalho masculino e de adultos, características que não se encaixam nas definições universais de sua significação. Por conseguinte, a família acha uma forma de “punir” Raquel por fazer desordem ao status quo ao divergir da naturalidade do signo, como em:

Minha irmã pegou e leu, (Quando eu cheguei em casa ela perguntou: “Como é que você pode escrever tantas besteiras, hem, Raquel?”) Achou gozado e deu para minha mãe ler. [...] Quando voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também e das coisas que eu pensava (BOJUNGA, 2012, p.22).

O primeiro personagem apresentado, além de Raquel e sua família, é o galo (personagem inclusive presente no romance de Raquel), chamado inicialmente de “Rei”. Ele ilustra o constante conflito entre sua identidade rigidamente imposta, pois era o único macho do galinheiro e, por isso, foi esperado (conforme a ideologia naturalista) que governasse tiranicamente as mulheres do local versus a sua identidade subjetiva, a qual rejeita a imposição do status quo ao almejar democracia e liberdade e, conseqüentemente, romper com a rigidez das instituições.

- Não, foi só eu resolver lutar que eles me levaram de volta pro galinheiro. Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, para elas me ajudarem. Expliquei que viva muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas as noites e dias. Mas elas falavam “Você é nosso dono. Você é que resolve tudo para a gente”. Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma sem perguntar: “Eu posso? Você deixa? [...] Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! (BOJUNGA, 2012, p. 35).

O Galo foi encontrado no primeiro momento utilizando uma máscara preta, que já representa uma transgressão ao romper com o esperado de sua identidade – signo galo – ao disfarçá-la. Esse personagem ilustra a ruptura de não se identificar com as definições ideológicas do seu gênero masculino que antes estavam sendo reprimidas pelas ideologias dominantes, mas agora esses desejos tão latentes se externalizam. Assim, é ilustrado como é falha as categorizações e definições fragmentadas com o intuito de chegar a um conceito universal, uma vez que o signo e suas definições são carregados de liquidez e pessoalidade.

Outro personagem é o Alfinete de fraude que não cumpre seu papel anteriormente destinado, ou seja, pregar, segurar, unir peças de vestuário, mas, ao contrário, caiu do caminhão de transporte e agora vive jogado: “passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego ferrugem medonha” (BOJUNGA, 2012, p.43). O Guarda-chuva, assim como o Alfinete, também é apresentado na obra que exemplifica a problemática em relação as suas características e determinações, principalmente as ilustradas sobre a sua idade e ao seu gênero.

O galo chamado Terrível, mais um personagem que fica guardado dentro da Bolsa amarela, é um dos exemplos mais evidente da crise da sua identidade designada a priori. Seu signo pré-determinado é ser um galo de briga invencível, o enredo elucida que ele já ganhou mais de 130 brigas com outros galos, mas acabou perdendo as últimas e sofre conseqüências, pois com isso “Meus donos falaram que seu brigo mal dessa vez ninguém mais aposta em mim; então eles não vão mais me defender” (BOJUNGA, 2012, p. 58).

No delongar do enredo, Terrível entra em um processo de histeria no momento em que sua identidade e característica intrínseca deixa de ser sólida ao derrotado por outro galo; esse fato elucida o sofrimento por não poder mais corresponder às exigências da sua sociedade e de não se identificar mais com o seu significante. Trechos que mostram essa questão são: “Não parava de sacudir a cabeça e tinha um jeito nervoso que dava aflição” (BOJUNGA, 2012, p. 56) e “Eu não

posso perder essa briga de jeito nenhum de jeito nenhum! De-de-de... – E a cabeça dele sacudia tanto, que ele não podia mais falar” (BOJUNGA, 2012, p. 59).

Tabela 1 – Quadro síntese da fluidez do signo linguístico nas personagens

QUADRO SÍNTESE DA FLUIDEZ DO SIGNO LINGUÍSTICO NAS PERSONAGENS		
Nome do personagem	Significado aparente do signo	Transgressão da rigidez do signo
Raquel	Menina: não pode liderar as brincadeiras, sem muita liberdade de escolhas; Criança: Discurso infantilizado, sem consciência do seu entorno; Escritor é uma profissão masculina.	Escritora, almeja liberdade de escolhas para brincar e realizar outras atividades que não são consideradas para meninas e não se identifica com o discurso pueril.
Afonso	Galo macho que é dono das galinhas e realiza todas as decisões em seu local. Seu nome, ligado à sua função, era Rei.	Galo que gosta de sossego e se considera um “sujeito simples”. Escolheu o nome Afonso: “Posso não ter cara, mas tenho certeza que meu coração é um coração de Afonso (Bojunga, 2012, p. 41).
Alfinete	Prender ou segurar tecido e peças de vestuário.	Queria ficar na bolsa amarela e não voltar para a sua função utilitária.
Guarda-chuva	Deveria ser grande para melhor exercer sua função utilitária.	Não desejava o título de adulta, pois gostava muito de brincadeiras.
Galo de Briga (Terrível)	Galo de briga, campeão invicto que não poderia aceitar a derrota, devendo sempre focar sua energia em vencer as brigas.	Tinha uma grande vontade de se apaixonar e ter liberdade. “Terrível foi crescendo e os donos todos os dias treinando-o para brigar. Mas quanto mais treinavam o Terrível, mais ele ia ficando com uma vontade danada de se apaixonar. Porque ele era assim: gostava demais de curtir a vida” (Bojunga, 2012, p.93)

Fonte: Bojunga, (2012, adaptado).

Em síntese, todas as personagens elencadas ilustram seus desejos e sua subjetividade em divergência às concepções rígidas do signo linguístico; elucidando como as classificações e conceitos sólidos propostos pela vertente estruturalista não conseguem se efetivar e se apresentam como tentativa de manutenção do estado de ordem vigente.

O enredo foca também na constante busca da personagem pela emancipação dos “pensamentos costurados” – os quais são pensamentos reprimidos por divergir da significação imposta sobre as personagens – em busca de uma liberdade subjetiva. Os pensamentos costurados apresentados na obra são uma ilustração da inexatidão das classificações e definições e, por conta disso, com o intuito de manter a atual conjuntura, são forçados a ser reprimidos e ficar no inconsciente:

Viu direitinho quando fizeram um talho na cabeça do Terrível, tiraram o pensamento dele lá de dentro, costurara ele todo com linha forte, só deixaram descosturado o pedaço que pensava “Tenho que brigar! Tenho que ganhar de todo mundo! Depois vii quando eles enfiaram de novo o pensamento na cabeça e costuraram o talho com um restinho de linha Forte (BOJUNGA, 2012, p.96).

Quando os pensamentos “transgressores” que deveriam estar costurados se tornam latentes, os desejos de Raquel ficam cada vez mais “gordos” e não conseguem mais ficarem reprimidos no inconsciente da personagem. Dessa forma, quando a família não acatou a sua vontade de ficar quieta, pois, como é criança, ela não pode tomar decisões, as vontades ficaram cada vez maiores, produzindo a histeria devido a sua realidade insuportável de não poder se expressar por conta de convenções:

E de repente todo mundo tava lutando para abrir a minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu alí sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à forla se eu fosse gente grande? Quem? Ai minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia. (BOJUNGA, 2012, p.77)

A turma da bolsa amarela começou a gemer. Vi que eles não tavam mais aguentando a espremeção lá dentro. A Guarda-Chuva pediu socorro. Mas pedir socorro em língua de guarda-chuva leva um tempão, e o pessoal ficou ainda mais espantado quando ouviu aquela língua esquisita (BOJUNGA, 2012, p.78)

No fim da narrativa, é possível visualizar a superação da histeria de Raquel pela externalização dos “pensamentos costurados” e de suas vontades gordas adormecidas; ou seja, a histeria findou quando a protagonista conseguiu expressar sua subjetividade mesmo que divergindo das definições impostas. Assim, a bolsa amarela (em que guardava sua identidade reprimida) ficava cada vez mais vazia e fácil de carregar.

Em síntese, o enredo presente no livro **A bolsa Amarela** de Lygia Bojunga aborda as adversidades sofridas por Raquel durante a sua infância e adolescência para conseguir lutar com a rigidez das classificações e ter a possibilidade de expressar sua subjetividade.

4. A INVALIDEZ DA CENSURA ESCOLAR: REFLETINDO O CASO DE A BOLSA AMARELA SOB A ÓTIMA PÓS-ESTRUTURALISTA

No âmbito escolar, a literatura é crucial para a formação de leitores ávidos, ela não é mero – ou, ao menos, não deve ser – objeto para o ensino de mecanismos de funcionamento da língua portuguesa, mas sua função é proporcionar vivências que já mais poderiam realizar em nosso mundo empírico; assim, a literatura é uma arte essencial na construção do Homem, sua subjetividade e sua relação com o seu entorno e coletividade, por conseguinte, uma vez que a escola adentra diretamente no processo de formação do Homem, não pode jamais ignorá-la.

Entretanto, por estar diretamente vinculada ao processo pedagógico e escolarização, a literatura infantil e juvenil se torna alvo de diversos modos de censura, sendo ela feita tanto pelo professor e equipe pedagógica no momento de escolha dos livros paradidáticos, descartando as obras que não acham ideal para a formação escolar do aluno; e tanto pelos pais, em casa, caso o material que o filho leva não agrada e não confirma os posicionamentos ideológicos familiares.

Frequentemente reduzida ao caráter pedagógico, a literatura consumida nas salas de aula é por pais e, principalmente, membros não diretamente relacionados ao processo de ensino-aprendizagem alvo de constante julgamentos e repreensões por determinada obra não confirmar os valores morais hegemônicos vigentes, ou seja, que não cooperam para a manutenção do status quo. À vista disso, o meio que essas pessoas encontram para determinadas obras não adentrarem à escola é a censura.

O exposto, como contextualizado na introdução, também ocorreu com o livro **A bolsa Amarela**, de Lygia Bojunga, acusado de “insuflar a rebeldia e a luta de gêneros”, uma vez que consoante o discurso do próprio vereador pró-censura o conteúdo do livro em questão “afronta os princípios morais dos pais dos alunos” (GAZETA DA LIMEIRA, 2019, on-line). Dessa maneira, é possível visualizar como a literatura é objeto de censura escolar.

As motivações que levaram esse político a realizar tais comentários não estão no material literário, ao contrário, foi o conhecimento de mundo subjetivo introjetado na materialidade literária para adquirir tal significação. Entretanto, para manter a ordem do estado, a significação do livro é mascarada como uma compreensão não-subjetiva, fechada e universal.

Barthes já problematizava a compreensão que cada grupo específico fazia sobre o material literário:

Cada época pode acreditar, com efeito que detem o sentido canônico da obra, mas basta alargar um pouco a história para transformar esse sentido singular em sentido plural e a obra

fechada em obra aberta. A própria definição da obra muda, ela se torna um fato antropológico, já que nenhuma história a esgota (BARTHES, p. 112).

Belsey (1982) também já demonstrava que a transparência da linguagem não passa de uma ilusão e a importância de compreender essa questão é de “alertar o leitor para a opacidade da linguagem e evitar a tirania da lucidez, a impressão de que se está a dizer tem de ser verdadeiro, por que é obvio, claro e familiar” (BELSEY, 1982, p.15). Dessa forma, as críticas feitas para fundamentar a censura de **A bolsa amarela** por meio da ideia da rigidez do signo estão circunscritas em uma posição tirânica que visa não aceitar a pluralidade de ideias e significações na leitura da obra.

Um argumento pró-censura apresentado pelo político é que o livro em questão é um material ideológico. Essa asserção há de ser analisada com demasiada cautela uma vez que sim, a obra não é neutra, da mesma forma que o signo linguístico não é neutro, que a fala não é neutra e que o discurso da pessoa favorável ao cerceamento também não é. Assim, o censurador não foi neutro, mas igualmente ideológico ao enunciar que a obra é ideológica.

A outra informação que apareceu para sustentar o argumento do teor ideológico da obra foi que “O governo vira as costas para a vontade da população e investe contra nossas crianças e contra a família” (GAZETA DA LIMEIRA, 2019, online). Esta fala é desconstruída além da problemática da neutralidade, pela própria característica da gratuidade e pela ambiguidade da literária postulada por Belsey (1982, p. 61) “a literatura tratando das grandes (discursivas) ambiguidades [...] e considerada rica em sua conotação e elusiva em suas nuances, é certamente muito mais suscetível a uma multiplicidade de interpretações”.

Por fim, **A bolsa amarela** apresenta diversas qualidades artístico-literárias, além da pluralidade de ideias, a metáfora dos personagens com o psiquismo da protagonista. O material quebra a assimetria entre o autor e o leitor infantil ou juvenil, permitindo que a obra produza significações diversas e sensibilize o público específico a qual está vinculada ao possibilitar que o leitor se identifique com as personagens e com as situações demonstradas. Por conseguinte, a obra pode levar o leitor a questionar e ter um maior aparato para reflexão acerca das injustiças que presencia por conta de falsas imutabilidades classificatórias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta como resultado que a obra **A bolsa amarela** é um exemplo pertinente para visualizar de que forma os signos linguísticos são líquidos e como forçar o antônimo faz parte de uma ideologia que visa dar continuidade ao poder dominante. Isso fica claro com o sofrimento das personagens ao entrar em conflito (tanto interno quanto externo) por não conseguirem corresponder sua subjetividade à luz da universalidade do signo.

Concernente aos resultados relacionados à censura: é crucial para a percepção das motivações que fundamentam o cerceamento das literaturas infantis e juvenis em sala de aula compreender que a censura é uma arma ideológica para

abafar a plurissignificação e homogeneizar os sentidos e que seu evento se processa em razão de uma posição valorativa – as significações subjetivas que as pessoas pró-censura introjetam no texto literário.

O alicerce teórico das concepções pós-estruturalistas se faz essencial para desmistificar o conservadorismo da censura no âmbito escolar, pois auxiliam na desconstrução da falácia da neutralidade e universalidade que relega à obra literária toda a responsabilidade para a manutenção dos padrões culturais. Assim, a teoria pós-estruturalista se constitui como instrumento de resistência das pluralidades não hegemônicas.

Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. 3ª. ed.; tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BELSEY, Catherine. **A prática crítica**. Tradução: Ana Isabel Sobral Carvalho. Porto: Edições 70, 1982.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Ilustrações Marie Louise Nery – 35. Ed., 22 reimpr. - Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012.

LIVRO DISTRIBUÍDO NA REDE MUNICIPAL É ALVO DE POLÊMICA. **Gazeta da Limeira**, Limeira-SP, 08 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://gazetadelimeira.com.br/local/2147490928> >. Acesso em: 28 de fev. 2021

EGLEATON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução, 3a. ed. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Para citar este artigo

SILVA, L. V. S. da. A bolsa amarela: censura literária e fluidez do signo linguístico. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 291-302.

O autor

LEONARDO VINÍCIUS SFORDI DA SILVA é mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) pelo programa de pós-graduação em Letras (PLE-UEM). Especialista em Metodologia do ensino de língua portuguesa e em Psicologia educacional pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2018); graduado em Letras: Português/Inglês (UEM) e em História e Pedagogia (UNICESUMAR). Atualmente, é professor do quadro próprio do magistério da prefeitura de Mandaguçu-PR.